



## **ECONOMIA**

NOVAS QUARENTENAS, CORRIDA ELEITORAL AMERICANA E INFLAÇÃO DE CURTO PRAZO NO BRASIL FORAM OS DESTAQUES DE OUTUBRO DE 2020

## SOBRE O MÊS

Em outubro de 2020, diversos países europeus observaram os casos de Covid-19 dispararem e conseqüentemente, voltaram a adotar medidas de restrições a circulação de pessoas. Por si só, as quarentenas nestes países vão reduzir um pouco mais a atividade econômica, e ainda, aumentou o receio de que a segunda onda possa afetar o mundo todo. Para suavizar a queda na atividade, novamente os governos precisarão ajudar pelo lado fiscal e os bancos centrais com estímulos monetários.

Em relação aos estímulos fiscais parece está tudo certo, o Banco da Inglaterra, que já injetou quase 1,0 trilhão de dólares, pretende aumentar esta cifra em mais 200,0 bilhões de dólares. Isso também vale para o Banco Central Europeu, que já jogou mais de 2,5 trilhões de dólares na economia e não pretende parar tão cedo.

Quanto aos estímulos fiscais, a situação é mais complexa, os governos já gastaram muito, em especial na Europa, e estão extremamente endividados, não há mais tanto espaço assim para gastar. O grande problema é que a economia real ficou muito dependente destes gastos e o mercado financeiro também.

Nos EUA, um dos únicos países que ainda podem gastar, a corrida eleitoral atrapalhou a aprovação de novos estímulos em outubro, frustrando o mercado financeiro, mas por lá, o estímulo é praticamente certo após a eleição, independente de quem vença.

No Brasil, estamos mais parecidos com os países europeus, o Governo com pouco espaço para realizar gastos adicionais e o Banco Central liderando os estímulos à economia. E nesta linha, o nosso BC decidiu mais uma vez manter a taxa básica de juros, a SELIC, em 2,00% ao ano e ainda afirmando que pretende manter neste patamar por um bom tempo.

Por outro lado, a inflação de curto prazo preocupa os investidores. Nos últimos dois meses, o IPCA, principal índice acionário no país, apresentou forte alta refletindo o gigantesco (a nível de Brasil) pacote de estímulo fiscal e a alta no preço das *commodities*, em destaque o petróleo.

Para o próximo ano, o mercado não precifica inflação descontrolada, pelo contrário, abaixo da meta perseguida pelo Banco Central, dado que não há perspectiva para continuação do Auxílio Emergencial e o desemprego permanecerá elevado. Atualmente, as expectativas estão em 3,11%, e a grande novidade será juro real negativo para os investimentos considerados de baixíssimo risco que rendem SELIC ou CDI, ou seja, próximo de 2,00%.

Entrando nos ativos, os títulos públicos indexados à inflação (NTN-B ou Tesouro IPCA) rentabilizaram em média 0,21%, enquanto os títulos públicos prefixados (LTN, NTN-F ou Tesouro Prefixado) rentabilizaram -0,33%. Os títulos públicos pós-fixados (LFT ou Tesouro Selic), considerado o título de menor risco, rentabilizaram 0,13%, mais um mês abaixo do CDI, que encerrou outubro com alta de 0,16%.

No mercado acionário, o Ibovespa, principal índice brasileiro de ações, rentabilizou -0,69%. Nos EUA, o S&P 500, principal índice americano, rentabilizou -2,77% e o MSCI World, principal índice global, variou -3,14%.